

ADEFILA, A., SPOLANDER, G. and MAIA, E. 2023. Um pé dentro e um pé fora: refletindo sobre a colaboração científica internacional = One foot in and one foot out: reflecting on international collaboration. *Argumentum* [online], 15(2), pages 125-137. Available from: <https://doi.org/10.47456/argumentum.v15i2.41662>

# Um pé dentro e um pé fora: refletindo sobre a colaboração científica internacional = One foot in and one foot out: reflecting on international collaboration.

ADEFILA, A., SPOLANDER, G. and MAIA, E.


2023

*This file contains the Portuguese-language version of the full text first, followed by the English-language version.*

## Um pé dentro e um pé fora: refletindo sobre a colaboração científica internacional

*One foot in and one foot out: reflecting on international collaboration*


**Arinola ADEFILA\***

 <https://orcid.org/0000-0001-9759-0104>

**Gary SPOLANDER\*\***

 <https://orcid.org/0000-0003-2758-4555>

**Eduardo MAIA\*\*\***

 <https://orcid.org/0000-0002-9347-8841>

**Resumo:** A colaboração científica internacional em pesquisa tem aumentado constantemente à medida em que o ensino superior se torna mais mercantilizado. Embora haja muitos benefícios óbvios na colaboração internacional, há também vários desafios que geralmente não são discutidos de forma crítica. Além das questões inerentes às parcerias desiguais entre países ricos e de baixa renda, esses tipos de parcerias podem ser problemáticos se não acentuarem uma colaboração que permita maiores oportunidades de aprimorar e desafiar nossas ideias e compartilhar experiências e conhecimentos. Este artigo apresenta uma reflexão das experiências vividas por três acadêmicos que estão envolvidos em processos de colaboração científica internacional há mais de quarenta anos.

**Palavras-chave:** Colaboração científica internacional. Colaboração acadêmica.

**Abstract:** International Research Collaboration has been steadily increasing as higher education has become more marketized. Though there are many obvious benefits for collaborating internationally, there are also several challenges that are often not critically discussed. Beyond the issues inherent in unequal partnerships between rich and low-income countries, these kinds of partnerships can be problematic if they do not accentuate collaboration that permits enhanced opportunities to improve and challenge our ideas and share various experiences and knowledges. This paper presents a reflection of lived experiences by three academics who have been involved in International Research Collaboration for over forty years.

**Keywords:** International Research Collaboration. Academic collaboration.

*Submissão em: 4/7/2023. Aceito em: 10/7/2023.*

---

\* Professora Associada. PhD em Educação. Vice-diretora do Centro para Aprendizagem e Prática Pedagógica da Universidade de Staffordshire, Inglaterra. (SCoLPP, Staffordshire, Inglaterra). College Road, University Quarter, Stoke-on-Trent, Staffordshire ST4 2DE. E-mail: arinola.adevila@staffs.ac.uk.

\*\* Assistente Social e Psicólogo. Doutor em Administração de Empresas. Professor de Serviço Social na Universidade Robert Gordon, Escócia. (RGU, Aberdeen, Escócia). Garthdee House, Garthdee Rd, Garthdee, Aberdeen AB10 7AQ, Reino Unido. Professor extraordinário de Serviço Social na Universidade Western Cape, África do Sul. Professor honorário de Saúde Global e Cuidado Social na Universidade Keele, Reino Unido. E-mail: g.spolander@rgu.ac.uk.

\*\*\* Bacharel em Relações Internacionais. Mestre em Economia Política Internacional. Doutorando em Política Social na Universidade Federal do Espírito Santo. (Ufes, Vitória, Brasil). Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória (ES), CEP.: 29075-910. E-mail: eduardo.maia@live.com.



## Introdução

A internacionalização do ensino superior tem sido promovida por políticos, universidades e pesquisadores por diversas razões, incluindo o aumento da mercantilização da educação, juntamente com a colaboração científica para resolver desafios globais. Os processos de implementação da colaboração geralmente são dominados por estruturas neoliberais e uma inclinação eurocêntrica significativa devido à dependência de financiamento dos países ricos. Embora os acordos formais entre culturas geográficas, linguísticas e disciplinares estejam emaranhados em negociações complexas e perspectivas divergentes, falta reflexão crítica sobre como a colaboração científica internacional influencia as várias partes interessadas - pesquisadores, alunos, comunidades, bem como as instituições e comunidades envolvidas em projetos de pesquisa ou troca de conhecimento.

Este artigo reflete sobre a experiência de dois acadêmicos radicados no Reino Unido, ambos nascidos no exterior, e de um estudante de doutorado brasileiro que estava realizando parte de sua pesquisa de doutorado no Reino Unido. Todos os três têm experiência de trabalho e estudo em instituições acadêmicas do Reino Unido na Inglaterra e na Escócia, além de terem experiência significativa em pelo menos um outro ambiente institucional internacional do hemisfério sul que não seja sua instituição de origem. Com base em nosso próprio trabalho e em nossa experiência pessoal de internacionalização, refletimos sobre a experiência de colaboração internacional entre países no centro e na periferia do capitalismo. Somos interdisciplinares em nossa abordagem, com nossas respectivas disciplinas sendo serviço social, educação e economia política. Além disso, também colaboramos com uma equipe de redação internacional bem-sucedida, o que nos permitiu examinar, explorar e utilizar conceitos e metodologias transdisciplinares. Nos últimos dois anos, publicamos em conjunto dois livros editados e seis publicações em periódicos de alto nível em nossa parceria.

### Por que a internacionalização é importante na academia

A colaboração científica internacional tem sido um fator significativo para as instituições de ensino superior (IES) sediadas no Reino Unido na última década em termos de viabilidade econômica por meio do recrutamento de estudantes internacionais, uma vez que o governo reduziu subsídios. A isso somam-se ainda os desafios globais que exigem cada vez mais parceria e cooperação internacionais. A colaboração em pesquisa é considerada uma abordagem estratégica para aumentar a competitividade, a riqueza econômica e a prosperidade das nações e comunidades de países (Comissão Europeia, 2021). Em relação ao ensino superior, as instituições internacionalizadas estão cada vez mais normalizadas (para a distinção entre globalização e internacionalização, ver Altbach e Knight (2007)). As instituições de ensino superior estão mais conscientes do que nunca do posicionamento dos cursos de estudo globalmente para garantir a competitividade de seus formandos (Lee *et al.*, 2013). Metcalfe e Blanco (2021) enfatizam que as atividades colaborativas, os interesses compartilhados e o impacto social e profissional são os principais benefícios dessa forma de colaboração internacional.

Colaboração científica internacional possui várias definições, dependendo do contexto, de estratégias institucionais complexas e de dimensões geopolíticas mais amplas. Com foco na natureza transnacional da parceria, Metcalfe e Blanco (2021) observaram que, antes da COVID-19, essa forma de colaboração já exigia relacionamentos de longa distância, com número reduzido de reuniões presenciais. Essa forma de abordagem interdisciplinar internacional promove e tem sido vista por alguns acadêmicos (ver, por exemplo, Adams (2013), de Grijs

(2015), Specht e Crowston (2022)) como uma abordagem inovadora para a solução de problemas e o desenvolvimento de capacidades.

Também é importante observar como as forças de mercado têm se estabelecido cada vez mais como parte do ensino superior (Teixeira; Dill, 2011). A mercantilização do ensino superior está alinhada com reformas abrangentes de forte tendência corporativa (Brown, 2015). Embora isso tenha impulsionado exponencialmente a colaboração científica internacional, Bendixen e Jacobsen (2017) argumentam que isso eliminou a qualidade no meio acadêmico. Velayutham (2021) argumenta que, embora a mercantilização tenha ampliado o acesso ao ensino superior, ela também está apagando o valor do ensino universitário como discriminador de talento e capacidade. A mercantilização levou à redução do financiamento estatal e à criação de fendas que acentuam o impacto das disparidades de renda e riqueza. Velayutham (2021) aponta ainda evidências que demonstram como o ensino superior é agora uma ferramenta contundente para a mobilidade social.

### **Consideração crítica do papel da internacionalização no compartilhamento de ideias, ideologia e neoliberalismo**

Nos intercâmbios entre membros de redes em desenvolvimento ou existentes, há o risco de que qualquer um dos membros possa inadvertidamente desenvolver padrões de trabalho que coloquem em risco os padrões de trabalho existentes e, assim, ameacem sua capacidade ou a do grupo de capitalizar o potencial de trabalho conjunto. Isso pode ocorrer se não houver atenção e comprometimento suficientes com o processo de trabalho e relacionamentos (Engelbrecht *et al.*, 2014). Quando os parceiros acadêmicos em potencial adotam uma perspectiva mais isolacionista por vários motivos, sejam eles econômicos, desinteresse pelo idioma ou expectativa de que outros devam liderar, isso pode resultar em perspectivas que estabelecem distinções entre colaborações nacionais e internacionais, embora tenha sido argumentado que essas distinções são por vezes ilusórias (Lee, 2011).

Outros (ver, por exemplo, Manathunga, 2006; Lee, 2011) argumentam que o engajamento internacional também pode assumir as formas colonial e pós-colonial. Em um contexto internacional, o modo de engajamento colonialista é comum nas interações entre colegas de redes emergentes e redes estabelecidas. Neste paradigma, os representantes de redes estabelecidas veem seus colegas internacionais como a si mesmos, porém em um estágio anterior de desenvolvimento e, portanto, necessitando apoio para se envolverem plenamente. Embora não necessariamente signifique uma lente de dominação, é considerado colonial, pois, reconhece de forma imprecisa ou ignora o contexto cultural e, portanto, enxerga o colega internacional como outro (Manathunga, 2006). Isso pode resultar em poucas concessões oferecidas ao colega internacional, e as reuniões geralmente são dominadas por processos estilizados de respeito, hospitalidade e deferência entre os anfitriões e os visitantes, resultando em pouca transformação (Manathunga, 2006).

A forma como a troca de conhecimento é estruturada influencia o impacto que um projeto pode ter. A ambiguidade e a especificidade do conhecimento podem prejudicar sua transferência, ao passo que a aprendizagem e o compartilhamento de conhecimento podem aumentar sua transferência (Khanna; Gulati; Nohria, 1998; Simonin, 1997, 1999). Um engajamento mais crítico ocorre dentro da perspectiva pós-colonial, que permite a exploração e o engajamento de identidades, facilitando, assim, as trocas culturais (Manathunga, 2006, p. 21). Da

mesma forma, fundamentos ontológicos e epistemológicos, bem como práticas profissionais, são exploradas e debatidas, facilitando o debate e o envolvimento acadêmico (Manathunga, 2006; Spolander *et al.*, 2016). A pesquisa e a linguagem acadêmicas e o ensino através de diferentes idiomas aumentam a complexidade, exigindo uma exploração cada vez maior (Spolander *et al.*, 2016). Assim, a colaboração eficaz possibilita uma prática educacional adaptável, apoiando a colaboração internacional a fim de permitir uma prática de desenvolvimento educacional global flexível e diferenciada (Lee *et al.*, 2013).

## **Cultura acadêmica e seus legados**

As barreiras à transferência de conhecimento (ver, por exemplo, Brown; Chan; Lai, 2006; Joseph; Laband; Patil, 2005) reduzem o impacto de publicações revisadas por pares, o que é ainda mais exacerbado se os autores não se apropriarem do artigo. Em contrapartida, os artigos altamente citados geralmente têm maior impacto do que os menos citados (ver George, 2016; George *et al.*, 2016). Vick (2019), ao analisar o impacto da colaboração internacional de IES, relata um nível de citação e leitura duas vezes maior em artigos com colaboração internacional em relação a artigos com colaboração nacional. No entanto, a complexidade da atribuição do autor aumenta assim como os desafios na tentativa de entender a produtividade da pesquisa e o impacto das citações (Lee *et al.*, 2013). Da mesma forma, o alto custo para publicar em acesso aberto também afeta a correlação entre os números de citações e a importância (Mcmannus *et al.*, 2021). Para as IES brasileiras, os benefícios da colaboração internacional incluem o aumento da visibilidade da pesquisa brasileira, o aumento do número de colaborações internacionais nas IES brasileiras, o aumento da mobilidade acadêmica brasileira e a atração de um número maior de acadêmicos e alunos.

## **Reflexões sobre o trabalho internacional através das reflexões dos autores**

A literatura aponta a importância da colaboração internacional para facilitar a colaboração, as publicações e o intercâmbio e desenvolvimento de conhecimento transdisciplinar. Nesta seção, refletiremos brevemente sobre nossas aspirações e experiências de colaboração internacional, especialmente entre o Reino Unido e o Brasil.

## **Reflexões dos autores sobre o contexto e a experiência pessoal de colaboração internacional**

1. Como filha de acadêmicos, fui imersa na vida acadêmica desde o nascimento. Nasci durante as bolsas de pós-graduação de meus pais e me sinto um produto da colaboração científica internacional. Quando meus pais foram patrocinados por agências nacionais ou internacionais para fazer cursos no norte global, a expectativa era de trabalho colaborativo. Havia uma dose saudável de capacitação por parte das universidades mais estabelecidas em países de alta renda, incluindo financiamento para o desenvolvimento de programas e instituições. Tendo como pano de fundo a Guerra Fria, muitos dos primeiros alunos da família estudaram e realizaram pesquisas nos Estados Unidos/Europa ou na União Soviética. As atividades acadêmicas foram combinadas com interações socioculturais e políticas, resultando em relacionamentos ricos e interações prolongadas que expandiram as redes de colaboração científica internacional nos países participantes.

O financiamento político na época da Guerra Fria era ao mesmo tempo um exercício de recrutamento; os financiadores queriam disseminar suas ideias políticas e econômicas e explorar os

benefícios políticos da colaboração internacional. Alguns países de baixa renda receberam financiamento de ambos os lados, embora as parcerias desiguais tenham criado longas sombras no cenário da pesquisa em muitos destes países. Nas últimas três décadas, o alinhamento da colaboração científica internacional envolve um conjunto separado de dinâmicas políticas. A colaboração ainda é financiada pelos governos e os objetivos dessa colaboração também tendem a ter tons políticos e econômicos distintos. Diversos países impõem condições sobre o financiamento alocado, o que inevitavelmente molda o tipo de colaboração e os tipos de pessoas que podem participar. Quando colaboro com colegas, estou ciente da dinâmica de poder evidente nos critérios de financiamento e de como isso pode moldar os relatórios e as oportunidades de pesquisas futuras. Da mesma forma, o financiamento liderado pela indústria tem interesses econômicos semelhantes, levando a projetos guiados pela necessidade subjacente de atender a resultados rigorosos. O impacto positivo da colaboração científica internacional é turvado, de várias maneiras, por emaranhados humanos de exploração, parcerias epistêmicas distorcidas e modelos de financiamento deficientes.

2. Fui a primeira geração da minha família a frequentar a universidade, pois minha família era profundamente comprometida com a educação. Obtive meu diploma com honras na Universidade da Cidade do Cabo e, logo após a formatura, deixei o país, pois não queria prestar serviço militar durante o período do apartheid. Tive que escolher entre deixar o país ou cumprir oito anos de prisão como objetor contencioso. Mudei-me para o Reino Unido, mas, ao validar minha qualificação profissional, fiquei surpreso com o fato de que, embora a qualificação profissional no Reino Unido fosse um diploma de dois anos, as qualificações realizadas no exterior precisavam ser de nível superior e ter quatro anos de duração para serem reconhecidas como equivalentes. Inicialmente, trabalhei para uma grande multinacional japonesa, o que envolvia muitas viagens com todas as complicações de não possuir um passaporte britânico. Retornei ao meu histórico de prática profissional e recomecei meus estudos, concluindo vários mestrados antes do doutorado. Ao ingressar no meio acadêmico, pude novamente realizar trabalhos de colaboração internacional em uma estrutura colaborativa, ao invés de estar em um ambiente comercial mais competitivo.

Sempre me interessou a maneira pela qual podemos colaborar e desenvolver uma compreensão transdisciplinar dos desafios, apoiar o desenvolvimento de alunos e funcionários e compartilhar ideias, compreender e desafiar nosso pensamento e compreensão como colegas. Minha área é relativamente recente e a maioria dos profissionais não está envolvida diretamente na prática ou no aprendizado internacional, o que cria desafios sobre como desenvolver a profissão em uma base internacional, aprender e compartilhar o aprendizado com colegas e explorar criticamente os desafios contemporâneos.

3. Desde a minha adolescência, quando frequentava um curso de inglês, até os meus vinte e tantos anos, quando me mudei para outra cidade para cursar o doutorado, o apoio da minha família teve papel fundamental na minha jornada acadêmica. Com o incentivo deles, concluí meus cursos de graduação e mestrado, apesar das dificuldades de conciliar uma dupla jornada de trabalho em um banco e realizando pesquisa.

O doutorado representou a primeira oportunidade de mergulhar inteiramente na pesquisa e abriu as portas para a possibilidade de estudar no exterior. Felizmente, eu estava em um programa de pós-graduação cercado por pesquisadores seniores que continuamente incentivavam processos de colaboração internacional. Esse apoio foi fundamental para me ajudar a es-



tabelecer contatos iniciais e preencher lacunas que, de outra forma, teriam sido difíceis de superar. Anteriormente, minhas interações com pesquisadores internacionais se limitavam a pessoas de língua espanhola da América Latina e, na maioria das vezes, não se tratava de colaboração internacional. Entretanto, na Escócia, tive o privilégio de interagir com pesquisadores de doutorado de lugares tão diversos quanto Irã e Iraque, Alemanha e Gana, ou Índia e Bulgária.

Embora as possibilidades de colaboração interdisciplinar fossem limitadas devido às diferentes dos demais pesquisadores que se inseriam nas áreas de Farmácia, Engenharia e Computação, essa rica mistura cultural ofereceu oportunidades de aprendizado inestimáveis, bem como desafios de adaptação significativos.

### **Aspirações e sonhos individuais**

1. Um dos fatores motivadores da minha decisão de fazer parte dos meus estudos de doutorado no exterior foi a oportunidade de colaboração internacional e exposição a diferentes práticas de pesquisa. No entanto, ser um estudante de doutorado implica em navegar em uma posição um tanto delicada. Além dos desafios comuns às colaborações internacionais, trabalhar ao lado de pesquisadores mais experientes gera outras preocupações. Essas preocupações incluem o medo de não conseguir realizar contribuições significativas, sentir-se desqualificado e possíveis dificuldades nos relacionamentos interpessoais.

2. O envolvimento em colaboração internacional durante os estágios iniciais de uma carreira acadêmica pode ser uma oportunidade decisiva para um jovem pesquisador. A interação com acadêmicos de várias partes do mundo, cada um com seu próprio histórico e perspectiva, enriquece a vida acadêmica de várias maneiras. Por um lado, há benefícios relacionados à carreira, como publicações, expansão da rede acadêmica e abertura de novas perspectivas profissionais ou de colaboração. Por outro lado, vantagens mais amplas vão além do âmbito acadêmico, incluindo uma visão de mundo mais ampla, maior confiança e o desenvolvimento de novas habilidades.

Para um aluno de doutorado, as primeiras experiências de colaboração internacional servem como oportunidades inestimáveis de aprendizado. A busca pela colaboração internacional em si é um objetivo em mente. Entretanto, além de estar associado a um grupo de pesquisa ou a uma publicação, há um desejo genuíno de contribuir ativamente e ter uma função significativa na pesquisa em andamento. O reconhecimento de um pesquisador júnior pode ser demonstrado de várias maneiras, talvez a mais significativa sendo a criação de um ambiente que incentive a expressão de dúvidas e opiniões e, ao mesmo tempo, ofereça oportunidades de contribuição.

3. Meu sonho em termos de participação internacional é que tenhamos igualdade nas oportunidades de participação. Estou ciente de que, para muitos colegas, alunos e estudantes de todo o mundo, o acesso a pesquisa, periódicos revisados por pares e oportunidades de intercâmbio são limitados pelo acesso a financiamentos, vistos (especialmente para o Reino Unido, onde o atual governo tem restringido o acesso) ou, de modo geral, pelas oportunidades de participar de forma igualitária das oportunidades de pesquisa e ensino.

## Condições ideais individualizadas para colaboração científica internacional

Promover um alto nível de trabalho em equipe cooperativo exige tempo e esforço, principalmente em colaborações internacionais em que as diferenças culturais e de idioma podem ser um desafio. O desenvolvimento da confiança, do coleguismo e de um senso de justiça e responsabilidade é a base de qualquer colaboração de pesquisa bem-sucedida, independentemente da distribuição geográfica da equipe (De Grijns, 2015).

Como cidadãos planetários, precisamos desenvolver nossas capacidades colaborativas para pensar *glocalmente* sobre os problemas que enfrentamos. *Glocal* refere-se ao pensamento local com uma visão do global (Patel, 2020). Uma das principais barreiras à colaboração positiva é a incapacidade de nos comunicarmos com eficiência. Usamos as palavras de maneiras complexas e nuançadas. A comunicação glocal é fundamental para uma colaboração eficaz.

Em vários de meus relacionamentos com colaboração científica internacional, um dos principais desafios tem sido a comunicação eficaz. Os processos de colaboração ideais precisam desenvolver uma linguagem compartilhada. Isso vai além do uso de um idioma de comunicação, como o inglês ou o francês que são amplamente utilizados para o entendimento compartilhado das dimensões ontológicas, epistemológicas e axiológicas das palavras e do significado.

O significado compartilhado é importante, especialmente porque os relacionamentos em colaborações internacionais ultrapassam as fronteiras nacionais e culturais. O significado das palavras está impregnado de dinâmicas culturais, políticas e sociais. É necessário ter uma compreensão abrangente dos contextos em que a colaboração é realizada, incluindo as idiosincrasias históricas e as relíquias da influência colonial ou imperialista. Esse processo exige confiança e disposição para assumir riscos, comunicar-se com empatia e uma dose saudável de paciência quando a compreensão e a criação de significados demoram a se desenvolver.

As colaborações internacionais em que trabalhamos durante muitos anos sobreviveram devido ao investimento em tempo, confiança, empatia e desenvolvimento. Temos parceiros que assumem a função de conduzir a parceria, incentivar a comunicação, trabalhar na redação conjunta e desenvolver personas de ativistas e pesquisadores. De certa forma, todos queremos fazer a diferença no mundo real.

Além disso, os eventos de disseminação e os resultados de colaborações internacionais precisam ser descontextualizados para os diferentes públicos com os quais nos comunicamos. Mais produtos em formatos alternativos estão agora prontamente disponíveis na forma de poemas, arte, blogs, eventos comunitários etc. É muito importante reconhecer a linguagem e a criação de significados que a equipe teria desenvolvido, garantindo que o entendimento compartilhado seja adequadamente traduzido para as comunidades acadêmicas, cívicas, empresariais ou políticas como pretendido. Seria prejudicial exigir que aqueles que não estão envolvidos na parceria entendam o que desenvolvemos no cadinho de uma parceria estendida de colaboração internacional.

Colaborações científicas internacionais que utilizam linguagem de parceria para se comunicar com os outros são frequentemente chamados de elitistas. Isso é particularmente verdadeiro quando o financiamento é dominado por agências estrangeiras. A demanda e, possivelmente, o desejo de tornar os resultados discerníveis para o financiador negam a acessibilidade para



outros. Em 2019, participei de um workshop financiado pelo British Council e pela Fapes no Brasil. Liderei o workshop com uma colega no Brasil com quem havia desenvolvido um relacionamento de longa data. A primeira coisa que procuramos fazer foi desenvolver um entendimento compartilhado das terminologias. Estávamos usando palavras complexas como desvantagem, pobreza e capital social. Sabíamos que elas tinham significados diferentes.

Minha experiência com grandes projetos internacionais mostra que há um investimento considerável em tempo e compromisso para desenvolver colaborações científicas internacionais, que levam tempo e são construídas com base em relacionamentos e confiança em termos de entrega de resultados de pesquisas ou projetos. Quase inevitavelmente, isso exige que os colaboradores mantenham seus compromissos uns com os outros muito tempo depois de não estarem mais fisicamente juntos, mesmo quando suas instituições empregadoras estão incentivando e fazendo exigências conflitantes. Isso também exige que a burocracia das organizações empregadoras seja capaz de fornecer uma função facilitadora no apoio a esse relacionamento e ao desenvolvimento colaborativo, sem exigências de medidas artificiais de desempenho.

### **Reflexões individuais sobre diferenças culturais, experiências pessoais e culturais e financiamento**

1. Em minha experiência, colaborações internacionais dependem das redes e da boa vontade de um indivíduo. Quando bons relacionamentos e parcerias expansivas florescem, alguém fica responsável pela maior parte da comunicação. Em meu trabalho com colegas no Brasil, em Gana e na Finlândia, fui responsável pela maior parte da comunicação. A vantagem de unir forças e encontrar sinergias de especialização incorpora o risco de invisibilidade de pesquisadores individuais dentro de uma equipe maior. Em alguns casos, as contribuições de pesquisadores mais jovens podem ser subsumidas.

2. Um exemplo de como as diferenças culturais podem influenciar uma colaboração é o projeto iniciado com um bibliotecário em uma instituição escocesa. Durante um mês, tivemos reuniões semanais nas quais ele me apresentou técnicas e ferramentas que não são usadas com frequência ou que não são facilmente acessíveis no Brasil.

Uma delas consistia em um método de extração de dados relevante para minha tese. Por meio de nossas discussões, concebi uma proposta de artigo que se beneficiaria muito da experiência do bibliotecário. Embora meu pensamento imediato tenha sido propor uma colaboração para esse artigo, eu não tinha certeza sobre como abordar a situação. Para evitar mal-entendidos, em primeiro lugar, conversei com um colega que é professor da instituição para entender melhor os processos de coautoria no Reino Unido, como iniciar uma conversa e se essa proposta seria interessante. Individualmente, essas etapas extras podem parecer insignificantes, porém seu impacto cumulativo não deve ser subestimado.

Um aspecto que teve uma grande influência positiva na dinâmica cultural foi o ambiente de trabalho. Fui designado a uma mesa em um espaço compartilhado apenas por alunos de doutorado. Esse ambiente permitiu a interação com indivíduos de diferentes disciplinas e, mais importante, de vários países e culturas, todos se adaptando à cultura acadêmica local. Embora não esteja diretamente relacionado à colaboração internacional, esse intercâmbio ajudou a atenuar o impacto das diferenças culturais durante meu período na Escócia.

Em termos gerais, as diferenças culturais entre o Brasil e o Reino Unido podem passar despercebidas à primeira vista, pois um substrato ocidental comum resulta em normas e práticas cotidianas semelhantes. Entretanto, à medida que as relações interpessoais se desenvolvem, sejam elas pessoais ou profissionais, as diferenças sutis na cultura acadêmica se tornam aparentes e podem dificultar a colaboração internacional. Kwiek (2020) identifica como as influências sobre a colaboração internacional incluem a disciplina acadêmica de cada organização, a instituição empregadora e o tipo de vínculo, além da estrutura nacional de recompensas. Isso não é particularmente óbvio.

Vários fatores, como diferentes ferramentas, programas e habilidades, bem como diferentes abordagens para organizar e dividir a carga de trabalho, exigem adaptação contínua, principalmente nos estágios iniciais. Até mesmo algo tão simples como enviar um e-mail pode representar uma pequena dificuldade, exigindo mais tempo e esforço devido às formalidades específicas com as quais é preciso se acostumar.

### **Reflexões sobre as barreiras individualizadas vivenciadas**

1. Colaborações científicas internacionais consomem tempo e exigem extensa gestão, coordenação e intercâmbio contínuo entre as equipes. Um grande desafio para as equipes é o acordo intercultural. Com frequência, nossas parcerias precisam primeiro desvendar os vários significados das palavras, os propósitos em camadas e as metas interpessoais. Em um caso específico, descobri que as suposições que prevalecem na mídia e em algumas culturas são trazidas à tona. Alguns colegas estavam duvidando da experiência e das motivações dos colegas que trabalhavam em um país africano. Senti que os colegas de países de baixa renda precisavam demonstrar sua capacidade de realizar tarefas. O incrível esforço despendido na execução de suas tarefas nem sempre é valorizado. É por essas razões que os programas de intercâmbio internacional apóiam uma apreciação mais profunda dos contextos. Esse processo leva tempo. Se os pesquisadores puderem trabalhar na construção de bons relacionamentos, os colegas passarão a valorizar as circunstâncias epistemológicas e sociopolíticas em que seus colegas trabalham, aplicando constantemente uma lente homogênea. As tarefas podem então ser distribuídas e as responsabilidades cumpridas, individualmente ou em grupos que demonstrem proficiência.

2. Lidar com os desafios de comunicação, especialmente quando os pesquisadores trabalham em locais diferentes por longos períodos, exige estilos de comunicação claros para criar compreensão, confiança e sensibilidade; planejamento social avançado; e suporte tecnológico funcional. Embora o estabelecimento de colaborações regionais ou domésticas já possa ser um desafio por vários motivos mundanos, essas dificuldades podem ser ampliadas em um contexto internacional. Por exemplo, paradigmas de pesquisa conflitantes em diferentes contextos nacionais, desacordos sobre convenções ou padrões de prática, bem como a falta de conformidade com protocolos de pesquisa internacionais podem afetar a integridade do projeto de pesquisa conjunta. Além disso, os colaboradores podem não compartilhar o mesmo jargão profissional ou até mesmo falar o mesmo idioma de trabalho com proficiência suficiente (De Grijjs, 2015).

3. As colaborações de pesquisa geograficamente dispersas, no entanto, impõem custos adicionais de coordenação para superar a distância geográfica e as diferenças institucionais. Em meu trabalho, algumas boas ideias tiveram que ser engavetadas devido a custos que não

podiam ser arcados pelas instituições parceiras. Por exemplo, os pesquisadores das instituições finlandesas têm acesso a financiamento para engajamento público, o que lhes permite explorar colaborações entre vários institutos antes de se comprometerem com projetos de longo prazo. Quando o custo e o tempo não são investidos para criar parcerias em colaboração internacional, uma coordenação menos frequente e menos eficaz pode gerar mais conflitos, falta de monitoramento e, conseqüentemente, interesses divergentes.

A colaboração científica internacional exige uma sincronização intensa, e as "[...] colaborações científicas espacialmente dispersas [...]" (Cummings; Kiesler, 2005, p. 704, tradução nossa) exigem uma coordenação substancial para reunir ideias e conhecimentos especializados de forma eficaz. Os principais desafios destacados por Dusdal e Powell (2021) são: 1) Organização e gerenciamento estruturado de trabalho e tarefas; 2) Expectativas e normas culturais e organizacionais contrastantes; 3) Diferenças de estágio de carreira nas necessidades do pesquisador; 4) Estilos contrastantes de comunicação (troca de informações) e trabalho; 5) Comunicação em equipe e habilidades linguísticas; 6) Distribuição de trabalho; 7) Restrições de tempo (duração limitada do projeto); 8) Pontos fortes e fracos teóricos e metodológicos diversos. É interessante que nossas reflexões acima tenham capturado essas características.

### **O desafio de concluir este artigo: conclusão**

Para os três autores, escrever este artigo foi um desafio, mas refletir sobre os motivos também foi complexo. A pressão para escrever foi, em parte, uma pressão contínua, mas tivemos dificuldades para entender o que poderia ser útil e significativo para o leitor e como isso poderia causar impacto. Éramos três autores, com diferentes perspectivas e experiências de colaboração internacional. Ficamos angustiados com o conteúdo, o que seria sensato e acadêmico.

O contexto neoliberal do Reino Unido resultou em uma abordagem mais funcional e gerencial que, por vezes, se concentra nos negócios que essa forma de colaboração pode alcançar, ou seja, financiamento, estudantes internacionais e publicações. Nossas instituições frequentemente falam e promovem o trabalho internacional, porém, apesar dessas afirmações e aspirações, há problemas dentro da academia e dificuldades institucionais que incluem financiamento adequado, pressão para publicar em periódicos dos estratos mais altos, realizar e enviar propostas para financiamento externo. As publicações internacionais que não são em inglês nem sempre são reconhecidas na análise institucional de publicações e nem sempre classificadas. O idioma pode ser problemático para o alto número de citações em inglês, além dos desafios conceituais, epistemológicos e ontológicos. As diferenças no tamanho das palavras e nas abordagens ideológicas são apenas duas diferenças simples que encontramos.

Às vezes nos perguntamos por que nos colocamos sob pressão para cumprir prazos internacionais quando esse processo também é difícil. A colaboração traz enormes benefícios, incluindo o companheirismo, o aprendizado pessoal e o desafio, repensar modelos e entendimentos, o compromisso e a necessidade de se envolver em considerações transdisciplinares e no desenvolvimento do conhecimento. Nossos compromissos pessoais, amizade e curiosidade contínua por descobertas transcendem as estruturas institucionais que geralmente moldam nossas carreiras profissionais, apoiando este trabalho como um trabalho de amor, amizade e compromisso.

Trabalhar com nossos colegas brasileiros nos permite refletir e considerar novamente a pessoa no contexto desses desafios. Nossas observações geralmente envolvem considerações sobre o quão maior é sua descrição profissional, a profundidade da análise teórica que sustenta a paixão pelo tópico, pelo debate e pela pesquisa.

Há motivos convincentes para que a colaboração científica internacional seja importante e fundamental para o desenvolvimento, o compartilhamento e a disseminação do conhecimento. Ficamos impressionados com o fato de que, em grande parte da literatura, pouco é dedicado aos elementos que fazem com que essa vida funcione, com muitas horas longas, muitas vezes realizadas em nosso tempo pessoal, mas isso é impulsionado por nosso compromisso uns com os outros e pela importância e paixão pela bolsa de estudos. Para nós, o trabalho com nossos colegas brasileiros é uma jornada que começou há cerca de 10 anos, sem um destino claro, e que nos levou a trabalhar com colegas, ampliou nossas redes e incentivou e consolidou nosso aprendizado como colegas, acadêmicos e pessoas que buscamos entender e apoiar, à nossa maneira, os problemas do mundo.

## **Referências**

ADAMS, J. The fourth age of research. **Nature**, London, n. 497, p. 557-560, 2013.

ALTBACH, P.; KNIGHT, J. The internationalization of higher education: Motivations and realities. **Journal of Studies in International Education**, Amsterdam, v. 11, n. 3-4, p. 290-305, 2007.

BENDIXEN, C.; JACOBSEN, J. C. Nullifying quality: the marketisation of higher education. **Quality in Higher Education**, Oxford, v. 23, n. 1, p. 20-34, 2017.

BROWN, C.; CHAN, K.; LAI, P. Marketing journal coauthorships: An empirical analysis of coauthor behavior. **Journal of Marketing Education**, California, v. 28, n. 1, p. 17-25, 2006.

BROWN, R. The marketisation of higher education: issues and ironies. **New Vistas**, London, v. 1, n. 1, p. 4-9, 2015.

COMISSÃO EUROPEIA. **A abordagem global da pesquisa e inovação: A estratégia da Europa para a cooperação internacional em um mundo em transformação**. Luxemburgo, 2021. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=COM:2021:252:FIN>. Acesso em: 03 jul. 2023.

CUMMINGS, J.; KIESLER, S. Collaborative research across disciplinary and organizational boundaries. **Social Studies of Science**, California, v. 35, n. 5, p. 703-722, 2005.

DE GRIJS, R. Ten Simple Rules for Establishing International Research Collaborations. **PLOS Computational Biology**, California, v. 11, n. 10, p. e1004311, 2015.

DUSDAL, J.; POWELL, J. Benefits, Motivations, and Challenges of International Collaborative Research: A Sociology of Science Case Study. **Science and Public Policy**, Oxford, v. 48, n. 2, p. 235-245, 2021.

ENGELBRECHT, L. *et al.* Reflections on a process model for international research collaboration in social work, **International Social Work**, California, v. 59, n. 4, p. 1-14, 2014.

GEORGE, G. Management research in AMJ: Celebrating impact while striving for more. **Academy of Management Journal**, New York, v. 59, n. 6, p. 1869-1877, 2016.

GEORGE, G. *et al.* Reputation and status: Expanding the role of social evaluations in management research. **Academy of Management Journal**, New York, v. 59, n. 1, p. 1-13, 2016.

JOSEPH, K.; LABAND, D.; PATIL, V. Author order and research quality. **Southern Economic Journal**, Lexington, v. 71, n. 3, p. 545-555, 2005.

KHANNA, T.; GULATI, R.; NOHRIA, N. The dynamics of learning alliances: Competition, cooperation, and relative scope. **Strategic Management Journal**, Lexington, v. 19, n. 3, p. 193-210, 1998.

KWIEK, M. Internationalists and locals: international research collaboration in a resource-poor system. **Scientometrics**, Hungary, v. 124, p. 57-105, 2020.

LEE, V. *et al.* Enhancing international collaboration among academic developers in established and emerging contexts: moving toward a post-colonial perspective. **International Journal for Academic Development**, London, v. 18, n. 1, p. 89-103, 2013.

LEE, V. Reflections on International Engagement as Educational Developers in the United States. **To Improve the Academy**, EUA, v. 29, n. 1, p. 302-314, 2011.

MANATHUNGA, C. Doing educational development ambivalently: Applying post-colonial metaphors to educational development? **International Journal for Academic Development**, London, v. 11, n. 1, p. 19-29, 2006.

MCMANUS, C. Profiles not metrics: the case of Brazilian universities. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, Rio de Janeiro, v. 93, n. 4, 2021.

METCALFE, A.; BLANCO, G. "Love is calling": Academic friendship and international research collaboration amid a global pandemic. **Emotion, Space and Society**, United Kingdom, v. 38, p. 100763, 2021.

PATEL, F. Glocal development for sustainable social change. *In*: SERVAES, Jan. (Ed.). **Handbook of Communication for Development and Social Change**. [S.l.]: Springer, 2020. p. 501-517.

SIMONIN, B. Ambiguity and the process of knowledge transfer in strategic alliances **Strategic Management Journal**, Lexington, v. 20, n. 7, p. 595-623, 1999.

SIMONIN, B. The importance of collaborative know-how: An empirical test of the learning organization. **Academy of Management Journal**, New York, v. 40, n. 5, p. 1150-1174, 1997.

SPECHT, A.; CROWSTON, K. Interdisciplinary collaboration from diverse science teams can produce significant outcomes. **PLOS ONE**, California, v. 17, n. 11, p. e0278043., 2022.

SPOLANDER, G. *et al.* Reflections and challenges of international social work research. **Critical and Radical Social Work**, Bristol, v. 4, n. 2, p. 169-183, 2016.

TEIXEIRA, P.; DILL, D. (eds.). **Public Vices, Private Virtues?: Assessing the Effects of Marketization in Higher Education**. [S.l.]: Springer Science & Business Media, 2011.

VELAYUTHAM, S. Understanding How the Marketisation of Higher Education Contributes to Increased Income Inequality and Decreased Social Mobility. *In*: BRANCH, John; CHRISTIANSEN, Bryan. **The Marketisation of Higher Education: Concepts, Cases, and Criticisms**. Cham: Springer, 2021. p. 371-395.

VICK, T. Research in Brazil towards international collaboration. [S.l.]: Elsevier, 2019. Disponível em: <https://www.aguia.usp.br/wp-content/uploads/2020/01/Report-International-Collaboration-PRINT-Project.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2023.

---

**Arionela ADEFILA** Trabalhou na concepção e delineamento, análise e interpretação dos dados, redação do artigo e revisão crítica.

Doutora em Educação pela Universidade de Warwick, Reino Unido. MBA em Desenvolvimento Econômico Comunitário da Universidade de Cape Breton, Canadá. Mestrado em Ética Global, pela Universidade de Birmingham, Reino Unido. Licenciatura em Educação Científica e Geografia pela Universidade em Educação Científica e Geografia pela Universidade Ahmadu Bello, Nigéria.

Vice-diretora do Centro para Aprendizagem e Prática Pedagógica da Universidade de Staffordshire, Inglaterra. Arionela desenvolve Pedagogias Educacionais Transdisciplinares e investiga como melhor utilizar recursos interculturais para desenvolver práticas educacionais que são transnacionais e incluem múltiplas perspectivas e epistemologias.

**Gary SPOLANDER** Trabalhou na concepção e delineamento, análise e interpretação dos dados, redação do artigo e revisão crítica.

Bacharel em Serviço Social e Psicologia. Professor de Serviço Social na Universidade Robert Gordon, Escócia. É também professor extraordinário de Serviço Social na Universidade Western Cape, África do Sul e professor honorário de Saúde Global e Cuidado Social na Universidade Keele, Reino Unido.

**Eduardo MAIA** Trabalhou na concepção e delineamento, análise e interpretação dos dados, redação do artigo e revisão crítica e na aprovação da versão a ser publicada do artigo.

Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Economia Política Internacional. Doutorando em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Membro do Grupo de Trabalho Crise e Economia Internacional (CLACSO) e do Grupo Estudos Críticos em Processos Sociais (UFES).


---



## One foot in and one foot out: reflecting on international collaboration

*Um pé dentro e um pé fora: refletindo sobre a colaboração científica internacional*

**Arinola ADEFILA\***

 <https://orcid.org/0000-0001-9759-0104>

**Gary SPOLANDER\*\***

 <https://orcid.org/0000-0003-2758-4555>

**Eduardo MAIA\*\*\***

 <https://orcid.org/0000-0002-9347-8841>

**Abstract:** International Research Collaboration has been steadily increasing as higher education has become more marketized. Though there are many obvious benefits for collaborating internationally, there are also several challenges that are often not critically discussed. Beyond the issues inherent in unequal partnerships between rich and low-income countries, these kinds of partnerships can be problematic if they do not accentuate collaboration that permits enhanced opportunities to improve and challenge our ideas and share various experiences and knowledges. This paper presents a reflection of lived experiences by three academics who have been involved in International Research Collaboration for over forty years.

**Keywords:** International Research Collaboration. Academic collaboration.

**Resumo:** A colaboração científica internacional em pesquisa tem aumentado constantemente à medida em que o ensino superior se torna mais mercantilizado. Embora haja muitos benefícios óbvios na colaboração internacional, há também vários desafios que geralmente não são discutidos de forma crítica. Além das questões inerentes às parcerias desiguais entre países ricos e de baixa renda, esses tipos de parcerias podem ser problemáticos se não acentuarem uma colaboração que permita maiores oportunidades de aprimorar e desafiar nossas ideias e compartilhar experiências e conhecimentos. Este artigo apresenta uma reflexão das experiências vividas por três acadêmicos que estão envolvidos em processos de colaboração científica internacional há mais de quarenta anos.

**Palavras-chave:** Colaboração científica internacional. Colaboração acadêmica.

*Submitted on: 4/7/2023. Accepted in: 10/7/2023.*

---

\* Associate Professor. PhD in Education. Deputy Director of the Centre of Learning and Pedagogic Practice at Staffordshire University, England. (SCoLPP, Staffordshire, England). College Road, University Quarter, Stoke-on-Trent, Staffordshire ST4 2DE. E-mail: arinola.adevila@staffs.ac.uk.

\*\* Social Worker and Psychologist. Doctor in Business Administration. Professor of Social Service at Robert Gordon University, Scotland. (RGU, Aberdeen, Scotland). Garthdee House, Garthdee Rd, Garthdee, Aberdeen AB10 7AQ, United Kingdom. Extraordinary Professor of Social Service at Western Cape University, South Africa. Honorary Professor of Global Health and Social Care at Keele University, United Kingdom. E-mail: g.spolander@rgu.ac.uk.

\*\*\* BA in International Relations. Masters in international Economic Policy. Doctor in Social Policy at the Universidade Federal do Espírito Santo. (Ufes, Vitória, Brasil). Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória (ES), CEP.: 29075-910. E-mail: eduardo.maia@live.com.



© The Author(s). 2023 Open Access This work is licensed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License ([https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)), which allows you to copy and redistribute the material in any medium or format, as well as adapt, transform, and create from this material for any purpose, even commercial. The licensor cannot revoke these rights as long as you respect the terms of the license.

## Introduction

Internationalisation of higher education has been promoted by politicians, universities, and academics for a range of reasons, including that of increased marketisation of education, along with academic collaboration to resolve global challenges. The implementation processes of collaboration are often dominated by neoliberal frameworks and a significant Eurocentric skew due to reliance on funding from rich countries. Though formal agreements across geographical, linguistic, and disciplinary cultures are entangled in complex negotiations and differing perspectives, there is not much critical reflection on how international research collaboration (IRC) influences the various stakeholders – researchers, students, communities, as well as the institutions and communities involved in research projects or knowledge exchange.

This paper reflects on the experience of two United Kingdom based academics, both born abroad and a Brazilian PhD student who was undertaking research for his Brazilian PhD in the UK. All three have experience of working and studying within UK academic institutions in England and Scotland, while also having significant experience of at least one other global south international institutional environment which was not their own current home institution. Based on our own work and personal experience of internationalisation, we therefore reflect about and on the experience of international collaboration between countries at the core and the periphery of capitalism countries. We are interdisciplinary in our approach, with our respective disciplines being social work, education, and political economy. So too, we also collaborate in a successful international writing team, which has enabled us to examine explore and utilise transdisciplinary concepts and methodologies. Over the last 2 years we have published in joint publications in two edited books and six publications in high-ranking journals across our partnership.

### **Why Internationalisation is important in the academy.**

International research collaboration has been a significant driver for UK based higher education institutions (HEIs) for the past decade in terms of economic viability through international student recruitment as the government has reduced the size of subsidies, along with global challenges increasingly requiring international partnership and cooperation. Research collaboration (RC) is considered a strategic approach to enhance the competitiveness and economic wealth and prosperity of nations and communities of countries (Comissão Europeia, 2021). With respect to higher education, internationalised institutions are increasingly normalised (for the distinction between globalization and internationalization, see Altbach and Knight (2007)). Tertiary institutions are more conscious than ever of positioning courses of study globally to ensure the competitiveness of their graduates (Lee *et al*, 2013). Metcalfe and Blanco (2021) emphasise collaborative activities, shared interests, along with societal and professional impact are key benefits of this form of international collaboration.

IRC has several definitions depending on context, complex institutional strategies, and wider geopolitical dimensions. Focusing on the transnational nature of the partnership, Metcalfe and Blanco (2021), have noted that prior to Covid-19 this form of collaboration already required long-distance relationships, with few physical in-person meetings. This form of international interdisciplinary approach to collaboration both promotes and has been viewed by some scholars (see for instance Adams (2013), de Grijjs (2015), Specht and Crowston (2022)) as being an innovative approach to problem solving, and capacity building.

It is also important to note how market forces have increasingly become established as part of higher education (Teixeira; Dill, 2011). The marketisation of higher education is aligned with overarching reforms of a strong corporate bent (Brown, 2015). Though this has driven IRC exponentially, Bendixen and Jacobsen (2017) argue that this has nullified quality in academia. Velayutham (2021) contends that though marketisation has expanded access to higher education, it is also eliminating University education's value as discriminant of talent and capability. Marketisation has led to reduced state funding and crevices for income and wealth disparities to establish dominance in the societies, Velayutham (2021) highlights evidence that demonstrates how higher education is now a blunt tool for social mobility.

### **Critical consideration of the role of internationalisation in sharing ideas, ideology, and neoliberalism**

Where exchanges occur between members of developing or existing networks, there is a risk that any of the members could inadvertently develop patterns of working which endanger existing working patterns and so threaten their or the group's ability to capitalise on the potential to work together. This can occur if there is insufficient attention and commitment to the process of joint working and relationships (Engelbrecht *et al*, 2014). Where potential academic partners have taken a more isolationist perspective for a variety of reasons be those economic, language disinterest or expectation that others should lead can result in perspectives which draw distinctions between domestic and international collaborations although it has been argued that these distinctions are often illusionary (Lee, 2011).

Others (see for instance Manathunga (2006), Lee (2011)) argue that international engagement may also take the forms colonial and post-colonial, with the former being the form of engagement when members of established networks view international colleagues as themselves but at an earlier stage of research development. In an international context, the colonialist mode of engagement is common in interactions between colleagues in emerging and established networks. In this paradigm, representatives from established networks view their international colleagues as like themselves, only at an earlier stage of development and so need to be supported to be fully engaged. While this does not imply any lens of domination, often recognises levels of mutual expectations and collaborative roles, but is considered colonial as at best it might imprecisely recognise or ignore cultural context and therefore view the international colleague as other (Manathunga, 2006). This may result in little accommodation being provided to the international colleague, with meetings often being dominated by stylised processes of respect, hospitality and deference between the hosts and visitors, resulting in little transformation (Manathunga, 2006).

The way knowledge exchange is framed is typically influences any impact a project could have. Knowledge ambiguity and specificity can hinder knowledge transfer, whereas knowledge learning and sharing can enhance knowledge transfer (Khanna; Gulati; Nohria, 1988; Simonin, 1997, 1999). More critical engagement occurs within the post-colonial perspective, which enables an exploration along with an engagement of identities and so facilitating exchanges of culture (Manathunga, 2006, p. 21). So too, exploration of ontological and epistemological rationales, along with professional practices are explored and debated, facilitating academic debate and engagement (Manathunga, 2006; Spolander *et al.*, 2016). Research and academic language and teaching across languages increases complexity, requiring ever greater exploration (Spolander *et al.*, 2016). Thus, effective collaboration enables adapta-

ble educational practice, supporting international collaboration to enable flexible and nuanced global educational development practice (Lee *et al.*, 2013).

### **Academic Culture and its legacies**

Barriers to transferring knowledge are viewed by some (see for example Brown, Chan and Lai (2006); Joseph, Laband and Patil (2005)) as lowering a peer reviewed publications impact, which is further exacerbated if authors do not take ownership of the paper. In contrast, highly cited papers often have greater impact than those less cited (see for instance George (2016); George *et al* (2016)), with her levels of citations and readership. Vick (2019) in reviewing the impact of Brazilian higher education institutions international collaboration reports this at a level double that of papers from national collaborations. However, the complexity of author attribution also increases, along with challenges in seeking to understand research productivity and citation impact (LEE *et al*, 2013). So too, the cost of open access publications while high also emphasises the correlation between citation numbers and significance (Mcmannus *et al.*, 2021). For Brazilian HEIs the benefits of international collaboration have included increased visibility of Brazilian research, improved numbers of international collaborations, increased Brazilian academic mobility and encouraging greater numbers of academics and students to Brazilian HEIs.

### **Reflections on international work through a series of author reflections**

The literature therefore highlights the importance of international collaboration to facilitate collaboration, publications and transdisciplinary knowledge exchange and development. In this section we briefly reflect on our aspirations and experiences of international collaboration particularly between the UK and Brazil.

### **Author reflections on context and personal experience of international collaboration**

1. As a child of academics, I was immersed in academic life from birth. I was born during my parents' postgraduate degree fellowships and feel very much like a product of IRC. When my parents were sponsored by national or international agencies to pursue degrees in the global north, the expectation was one of collaborative working. There was a healthy dose of capacity building from the more established universities in high income countries, including funding for developing programmes and institutions. Set against the backdrop of the Cold War, many first-in-family students studied and conducted research in the United States of America/European governments or The Union of Soviet Socialist Republics. Academic pursuits were mixed with sociocultural and political interactions, resulting in rich relationships and extended interactions which expanded IRC networks in the participating countries.

Political funding in the cold war era was simultaneously a recruiting exercise; funders wanted to spread their political and economic ideas and exploit the IRC for maximum political benefit. Some low-income countries took funding from both sides, though the unequal partnerships drew long shadows on the research landscape in many low-income countries. Over the last three decades, the alignment of IRC involves a separate set of political dynamics. IRC is still funded by governments; the aims of these collaboration have also tended to have distinct political and economic undertones. Many countries have conditions on the IRC funding they allocate which inevitable shape the type of IRC and the kinds of people who can participate. When I collaborate with colleagues on IRC projects, I am aware of the power dynamics evi-

dent in the funding criteria and how this may shape reporting and opportunities for future research. In the same vein, industry-led funding has similar economic-framed interests, leading to IRC projects bounded by an underpinning need to meet the stringent deliverables.

The positive impact of IRC is mired in many ways by the human entanglements of exploitation, skewed onto-epistemic partnership and poor funding models.

2. I was the first generation in my family that went to university, with my family being deeply committed to education. I completed my honours degree at the University of Cape Town and immediately after graduation left the country as I did not want to undertake military service during the apartheid period. I was faced with a choice of either leaving the country or serving eight years in prison as a contentious objector. I moved to the UK, but in validating my professional qualification I was surprised that although the UK profession qualification was a 2-year diploma, that overseas qualifications needed to be degree level and of four years duration to be recognised as equivalent. I initially worked for a large Japanese multinational, which involved extensive travel with all the complications of not having a UK passport. I returned to my practice background and then recommenced my studies completing several master's degrees before my doctorate. In moving into academia, I was once again able to undertake work in IRC within a collaborative framework, rather than being in a more competitive commercial environment.

Of interest to me has always been the way in which we can collaborate and develop transdisciplinary understanding of challenges, support student and staff development, and share ideas, understanding and challenge our thinking and understanding as colleagues. My discipline is relatively young, with the majority of those in the profession not engaging directly in international practice or learning, and this creates challenges as to how we build capacity within the profession on an international basis, learn and share learning with colleagues and critically explore contemporary challenges.

3. From my teenage years attending an English course to my late twenties, when I relocated to a different city to pursue a PhD, my family's support played a crucial role in my academic journey. With their encouragement, I completed my undergraduate and master's degrees, despite the demanding dual commitments of working in a bank and in research.

The PhD presented the first opportunity for me to immerse myself in research fully, and it opened the doors to the possibility of studying abroad. Fortunately, I was in a postgraduate program surrounded by senior researchers who consistently provided guidance and encouragement for IRC projects. This support was vital in helping me establish initial contacts and bridge the gaps that would have otherwise been challenging to navigate. Previously, my interactions with international researchers had been limited to Spanish-speaking individuals from Latin America and mostly not in terms of international collaboration. However, in Scotland, I had the privilege of engaging with doctoral researchers from places as diverse as Iran and Iraq, Germany and Ghana, or India and Bulgaria.

While the possibilities for interdisciplinary collaboration were limited due to the varying fields of Pharmacy, Engineering, and Computing among the other researchers, this rich cultural mix offered invaluable learning opportunities as well as significant adaptation challenges.



## **Individual Aspirations and Dream**

1. One of the motivating factors behind my decision to pursue a part of my PhD studies abroad was the opportunity for international collaboration and exposure to diverse research practices. However, being a PhD student entails navigating a somewhat delicate position. In addition to the challenges commonly associated with international collaborations, working alongside more experienced researchers raises further concerns. These concerns include the fear of not being able to make meaningful contributions, feeling underqualified, and potential difficulties in interpersonal relationships.

2. Engaging in international collaboration during the early stages of an academic career can be a pivotal opportunity for a young researcher. Interacting with scholars from various parts of the world, each with their own backgrounds and perspectives, enriches academic life in numerous ways. On the one hand, there are career-related benefits, such as publications, expanding the academic network, and opening new collaborative or professional prospects. On the other hand, broader advantages extend beyond academia, including a widened worldview, increased confidence, and the development of new skills.

For a PhD student, the first experiences of international collaboration serve as invaluable learning opportunities. The pursuit of international collaboration itself is a goal in mind. However, beyond being associated with a research group or publication, there is a genuine desire to actively contribute and have a meaningful role in the ongoing research. The recognition of a junior researcher can be demonstrated in various ways; perhaps the most significant is creating an environment that encourages the expression of doubts and opinions while providing opportunities for junior members to contribute.

3. My dream in terms of international participation is that we have equity in the opportunities for participation. I am aware that for many colleagues and students across the world that access to research, peer reviewed journals and exchange opportunities are limited by access to funding, visa's (particularly to the UK where the current government has been restrictive on access) or generally the opportunities to participate on an equal basis in research and teaching opportunities.

## **Individualised ideal conditions for IRC**

1. Fostering a high level of cooperative teamwork takes time and effort, particularly in international collaborations where cultural and language differences may prove challenging. Developing trust, collegiality, and a sense of fairness and accountability are at the basis of any successful research collaboration, irrespective of the team's geographical distribution (De Grijs, 2015).

As planetary citizens we need to develop our collaborative capacities to think globally about the problems that we face. "Glocal" refers to local thinking with a view of the global (Patel, 2020). One major barrier to positive collaboration is our inability to communicate effectively. We use words in complex and nuanced ways. Glocal communication is central to effective IRC.

2. In several of my IRC relationships, a key challenge has been effective communication. Ideal IRCs need to develop shared language. This expands beyond use of a language of com-



munication, such as English or French, which are widely used to shared understanding of the ontological, epistemological, and axiological dimensions of the words and meaning.

Shared meaning is important, especially as IRC relationships extend across national and cultural boundaries. The meaning of words is steeped in cultural, political, and social dynamics. There is a first to have a comprehensive understanding of the contexts within which the IRC is taken place, including the historical idiosyncrasies and relics of colonial or imperialist influence. Such a process requires trust and a willingness to take risks, communicate with empathy and a healthy dose of patience when understanding and meaning making are slow to develop.

The IRCs have worked in over many years have survived because of the investment in time, trust, empathy, and development. We have partners who take on the role of driving the partnership, encouraging us to communicate, work on joint writing and develop activist-researcher personas. In a sense we all want to make a difference in the real world.

Furthermore, IRC dissemination events and outputs need to be decontextualised for the various audiences we communicate with. More alternative format products are now readily available in the form of poems, art, blogs, community events, etc. It is very important to recognise the language and meaning-making the IRC team would have developed, ensuring that the shared understanding is adequately translated to the academic, civic, business or policy communities as we intend. It would be prejudicial to require those not engage in the partnership will understand what we have developed in the crucible of an extended IRC partnership.

IRC's that use partnership language to communicate with others are often referred to as elitist. This is particularly true where the funding for the IRC is dominated by foreign agencies. The demand and possibly desire to make outputs discernible to the funder negate accessibility by others.

In 2019 I engaged in an IRC workshop funded by the British Council and FAPES in Brazil. I lead the workshop with a colleague in Brazil with whom I had developed a longstanding relationship. The first thing we sought to do was to develop shared understanding of terminologies. We were using complex words like disadvantage, poverty, and social capital. We knew these had differing meanings.

3. My experience of large international projects is that there is a considerable investment in time and commitment to develop IRC's, which take time and are built on relationships and trust in terms of delivering of research or project outcomes. Almost inevitably this requires that collaborators continue their commitments to one another long after they are no longer physically together, even when their employing institutions are both encouraging and making conflicting demands. This also requires that employing organisations bureaucracy are able to provide a facilitative role in supporting this relationship and collaborative development, without demands for artificial performance measures.

### **Individual reflections on cultural differences, personal and cultural experiences, and funding**

1. In my experience IRC are dependent on the networks and good will of an individual. Where good relationships and expansive partnership have flourished someone is responsible

most of the communication. In my work with colleagues in Brazil, Ghana and Finland I have been responsible for majority of the communication. The advantage of joining forces and finding synergies of expertise incorporates the risk of invisibility of single researchers within the larger team. In some cases, younger researchers' contributions may be subsumed.

2. An example of how cultural differences can influence a collaboration is the project initiated with a librarian at a Scottish Institution. Over a month, we had weekly meetings in which he introduced me to techniques and tools not often used or easily accessible in Brazil. One of these was a data extraction method relevant to my thesis. Through our discussions, I conceived a proposal for an article that would greatly benefit from the librarian expertise. Although my immediate thought was to propose a collaboration for this article, I was unsure how to approach the situation. To avoid misunderstandings, firstly, I talked to my colleague who is a professor at the institution, to better understand the co-authorship processes in the UK, how to initiate such a conversation and whether such a proposal would be of interest. Individually, these extra steps may seem insignificant, however, their cumulative impact should not be underestimated.

One aspect that had a major positive influence on the cultural dynamics was the work environment. I was assigned a desk in a shared space occupied only by PhD students. This environment allowed for interactions with individuals from different disciplines and, more significantly, from various countries and cultures, all adapting to the local academic culture. Although not directly related to international collaboration, this exchange helped to mitigate the impact of cultural differences during my time in Scotland.

3. In general terms, the cultural differences between Brazil and the UK may go unnoticed at first glance, as a common Western substratum results in similar norms and everyday practices. However, as interpersonal relationships develop, whether personal or professional, the subtle differences in academic culture become apparent and may hinder international collaboration. Kwiek (2020) identifies how IRC influences include academic discipline, the employing institution and type, along with national reward structure. This is not particularly obvious.

Multiple factors, such as varying tools, programs, and skills, as well as different approaches to organizing and dividing the workload, require continuous adaptation, particularly in the initial stages. Even something as simple as sending an email might pose a minor difficulty, requiring additional time and effort due to the specific formalities one must become accustomed to.

### **Reflections on Individualised Barriers Experienced**

1. IRCs are time-consuming and require extensive administration, coordination, and continuous exchange among teams. A major challenge for teams is intercultural agreement. Too often our partnerships have first to untangle the various meanings of words, layered purposes, and interpersonal goals. In a particular case, I found that assumptions that prevail in the media and some cultures are brought to the fore. Some colleagues were doubting the expertise and motivations of colleagues working in an African country. I felt the colleagues from low-income countries need to demonstrate their ability to complete tasks. The incredible effort put into carrying out their duties is not often appreciated. It is for such reasons that international exchange programmes support deeper appreciation of contexts. This process takes

time. If researchers are allowed to work on building good relationships, colleagues come to value the epistemological and socio-political circumstances their colleagues work in constantly applying a homogenous, deficit lens. Tasks can then be distributed, and responsibilities fulfilled, individually or in constellations which showcase proficiency.

2. Handling communication challenges, especially when researchers work in different locations over long time periods, demands clear communication styles to create understanding, trust, and sensitivity; advanced social planning; and functioning technological support. While establishing regional or domestic collaborations may already be challenging for a variety of mundane reasons, these difficulties might be amplified in an international context. For instance, conflicting research paradigms in different national settings, disagreements on conventions or standards of practice, as well as a lack of compliance with international research protocols may all affect the integrity of the joint research project. In addition, collaborators may not share the same professional jargon, or even speak the same working language sufficiently proficiently (De Grijs, 2015).

3. Geographically dispersed research collaborations, however, impose additional coordination costs for bridging geographic distance and institutional differences. In my work, some good ideas have had to be shelved due to costs that could not be borne by partner institutions. For example, researchers in Finnish institutions have access to public engagement funding, allowing them to explore multi-institute collaborations before they commit to long term projects. Where the cost and time are not invested to build the IRC partnership, less frequent and less effective coordination could lead to more conflict, lack of monitoring and subsequently diverging interests.

IRC fundamentally require intense synchronisation, 'spatially dispersed scientific collaborations' (Cummings; Kiesler 2005, p. 704) demand substantial coordination to effectively bring ideas and expertise together. The key challenges highlighted by Dusdal and Powell (2021) are: 1) Organization and structured management of work packages and tasks, 2) Contrasting cultural and organisational expectations and norms, 3) Career stage differences in researcher needs, 4) Contrasting styles of communication, (exchange of information) and work, 5) Team communications and language skills, 6) Distribution of labour, 7) Time constraints (limited project duration), 8) Diverse theoretical and methodological strengths and weaknesses. It is interesting that our reflections above have captured these features.

### **The Challenge of Completing this Paper: Conclusion**

For the three authors completing this paper has been a challenge to write, but reflecting on the reasons has been complex too. The pressure to write has partly been an ongoing pressure, but we have struggled with what might be useful and meaningful for the reader and how could it have impact. We were three authors, with different perspectives and experiences of international collaboration. We agonised over academic content, what would be sensible and scholarly.

The neoliberal context of the UK has resulted in more functional and managerial approach which is often focussed on the business that this form of collaboration might achieve i.e., funding, international students, and publications. Our institutions often speak and promote international work, but despite these affirmations and aspirations there are problems within

the academy and institutional difficulties which including appropriate funding, pressure to publish in Q1 journals, undertake and submit bids for external funding raising on going questions about how we make an impact and have sufficient outputs for the periodic Research Excellence Framework (REF), the next one being 2028. International non-English publications are not always recognised in institutional analysis of publications and not always ranked. The language may be problematic for high numbers of English citations along with conceptual, epistemological, and ontological challenges. Differences in word length and ideological approaches are just two simple differences we have found.

At times we find ourselves questioning why we put ourselves under pressure for international deadlines when this process is also difficult. Collaboration brings enormous benefits including that of comradeship, personal learning, and challenge, rethinking models and understanding, compromise and needing to engage with transdisciplinary considerations and knowledge development. Our personal commitments, friendship and ongoing curiosity for discovery transcends the institutional frameworks which often shape our working careers, supporting this work as a labour of love, friendship, and commitment.

Working with our Brazilian colleagues has enabled us to reflect and consider again the person in the context of these challenges. Our observations often involve considerations of how much greater their professional discretion is, the depth of their theoretical analysis which supports their passion for their topic, debate, and scholarship.

There are compelling reasons for why international research collaboration is important and critical for the development, sharing and dissemination of knowledge. We are struck that in much of the literature how little is devoted to what elements make this life work, with many long hours often undertaken in our personal time, but this is driven by our commitment to one another and the importance and passion for scholarship. Our work with our Brazilian colleagues is about a journey, for us that started about 10 years ago, with no clear destination and it has brought the three of us to work together with colleagues, widened our networks and encouraged and consolidated our learning as colleagues, academics and as people seeking to understand and support in our small way the problems of the world.

## References

ADAMS, Jonathan. The fourth age of research. **Nature**, London, n. 497, p. 557-560, 2013.

ALTBACH, Philip; KNIGHT, Jane. The internationalization of higher education: Motivations and realities. **Journal of Studies in International Education**, Amsterdam, v. 11, n. 3-4, p. 290-305, 2007.

BENDIXEN, Carsten; JACOBSEN, Jens Christian. Nullifying quality: the marketisation of higher education. **Quality in Higher Education**, Oxford, v. 23, n. 1, p. 20-34, 2017.

BROWN, Christopher; CHAN, Kam; LAI, Pikki. Marketing journal coauthorships: An empirical analysis of coauthor behavior. **Journal of Marketing Education**, California, v. 28, n. 1, p. 17-25, 2006.

BROWN, Roger. The marketisation of higher education: issues and ironies. **New Vistas**, London, v. 1, n. 1, p. 4-9, 2015.

COMISSÃO EUROPEIA. **A abordagem global da pesquisa e inovação: A estratégia da Europa para a cooperação internacional em um mundo em transformação.** Luxemburgo, 2021. Available in: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=COM:2021:252:FIN>. Access at: 3 Jul. 2023.

CUMMINGS, Jonathon; KIESLER, Sara, Collaborative research across disciplinary and organizational boundaries. **Social Studies of Science**, California, v. 35, n. 5, p. 703-722, 2005.

DE GRIJS, Richard. Ten Simple Rules for Establishing International Research Collaborations. **PLOS Computational Biology**, California, v. 11, n. 10, p. e1004311, 2015.

DUSDAL, Jennifer; POWELL, Justin. Benefits, Motivations, and Challenges of International Collaborative Research: A Sociology of Science Case Study. **Science and Public Policy**, Oxford, v. 48, n. 2, p. 235-245, 2021.

ENGELBRECHT, Lambert. *et al.* Reflections on a process model for international research collaboration in social work, **International Social Work**, California, v. 59, n. 4, p. 1-14, 2014.

GEORGE, Gerard. Management research in AMJ: Celebrating impact while striving for more. **Academy of Management Journal**, New York, v. 59, n. 6, p. 1869-1877, 2016.

GEORGE, Gerard *et al.* Reputation and status: Expanding the role of social evaluations in management research. **Academy of Management Journal**, New York, v. 59, n. 1, p. 1-13, 2016.

JOSEPH, Kissan; LABAND, David; PATIL, Vivek. Author order and research quality. **Southern Economic Journal**, Lexington, v. 71, n. 3, p. 545-555, 2005.

KHANNA, Tarun; GULATI, Ranjay; NOHRIA, Nitin. The dynamics of learning alliances: Competition, cooperation, and relative scope. **Strategic Management Journal**, Lexington, v. 19, n. 3, p. 193-210, 1998.

KWIEK, Marek. Internationalists and locals: international research collaboration in a resource-poor system. **Scientometrics**, Hungary, v. 124, p. 57-105, 2020.

LEE, Virginia *et al.* Enhancing international collaboration among academic developers in established and emerging contexts: moving toward a post-colonial perspective. **International Journal for Academic Development**, London, v. 18, n. 1, p. 89-103, 2013.

LEE, Virginia. Reflections on International Engagement as Educational Developers in the United States. **To Improve the Academy**, EUA, v. 29, n. 1, p. 302-314, 2011.

MANATHUNGA, Catherine. Doing educational development ambivalently: Applying post-colonial metaphors to educational development? **International Journal for Academic Development**, London, v. 11, n. 1, p. 19-29, 2006.

MCMANUS, Concepta. Profiles not metrics: the case of Brazilian universities. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, Rio de Janeiro, v. 93, n. 4, 2021.

METCALFE, Amy; BLANCO, Gerardo. "Love is calling": Academic friendship and international research collaboration amid a global pandemic. **Emotion, Space and Society**, United Kingdom, v. 38, p. 100763, 2021.

PATEL, Fay. Glocal development for sustainable social change. *In*: SERVAES, Jan. (Ed.). **Handbook of Communication for Development and Social Change**. [S.l.]: Springer, 2020. p. 501-517.

SIMONIN, Bernard. Ambiguity and the process of knowledge transfer in strategic alliances **Strategic Management Journal**, Lexington, v. 20, n. 7, p. 595-623, 1999.

SIMONIN, Bernard. The importance of collaborative know-how: An empirical test of the learning organization. **Academy of Management Journal**, New York, v. 40, n. 5, p. 1150-1174, 1997.

SPECHT Alison; CROWSTON, Kevin. Interdisciplinary collaboration from diverse science teams can produce significant outcomes. **PLOS ONE**, California, v. 17, n. 11, p. e0278043., 2022.

SPOLANDER, Gary *et al.* Reflections and challenges of international social work research. **Critical and Radical Social Work**, Bristol, v. 4, n. 2, p. 169-183, 2016.

TEIXEIRA, Pedro; DILL, David (eds.). **Public Vices, Private Virtues?: Assessing the Effects of Marketization in Higher Education**. [S.l.]: Springer Science & Business Media, 2011.

VELAYUTHAM, Sivakumar. Understanding How the Marketisation of Higher Education Contributes to Increased Income Inequality and Decreased Social Mobility. *In*: BRANCH, John; CHRISTIANSEN, Bryan. **The Marketisation of Higher Education: Concepts, Cases, and Criticisms**. Cham: Springer, 2021. p. 371-395.

VICK, Thais. Research in Brazil towards international collaboration. [S.l.]: Elsevier, 2019. Available in: <https://www.aguia.usp.br/wp-content/uploads/2020/01/Report-International-Collaboration-PRINT-Project.pdf>. Access at: 3 Jul. 2023.



**Arinola ADEFILA** Worked on the concept and delineation, data analysis and interpretation, redaction of the article and critical revision.

Doctor in Education at the University of Warwick, UK. MBA in Community Economic Development at the University of Cape Breton, Canada. Masters in Global Ethics at the University of Birmingham, UK. Graduate in Scientific and Geographic Education at Ahmadu Bello University, Nigeria.

Vice-director of the Centre of Learning and Pedagogic Practice (SCoLPP) at Staffordshire University, England. Develops Educational Cross-disciplinary Pedagogies and investigates how to best utilise intercultural resources to develop educational practice that are transnational and include multiple perspectives and epistemologies.

**Gary SPOLANDER** Worked on the concept and delineation, data analysis and interpretation, redaction of the article and critical revision.

Batchelor in Social Service and Psychology. Professor of Social Service at Robert Gordon University, Scotland. Extraordinary Professor of Social Service a Western Cape University, South Africa. Honorary Professor of Global Health and Social Care at Keele University, UK.

**Eduardo MAIA** Worked on the concept and delineation, data analysis and interpretation, redaction of the article, critical revision and on the approval of the published version of this article.

Batchelor in International Relations from the Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Masters in international Economic Policy Doctor of Social Policy from the Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Member of the Grupo de *Trabalho Crise e Economia Internacional* (Crisis and International Economics Working Group) (CLACSO) and the *Grupo Estudos Críticos em Processos Sociais* (Critical Studies of Social Processes Group) (Ufes).

---